

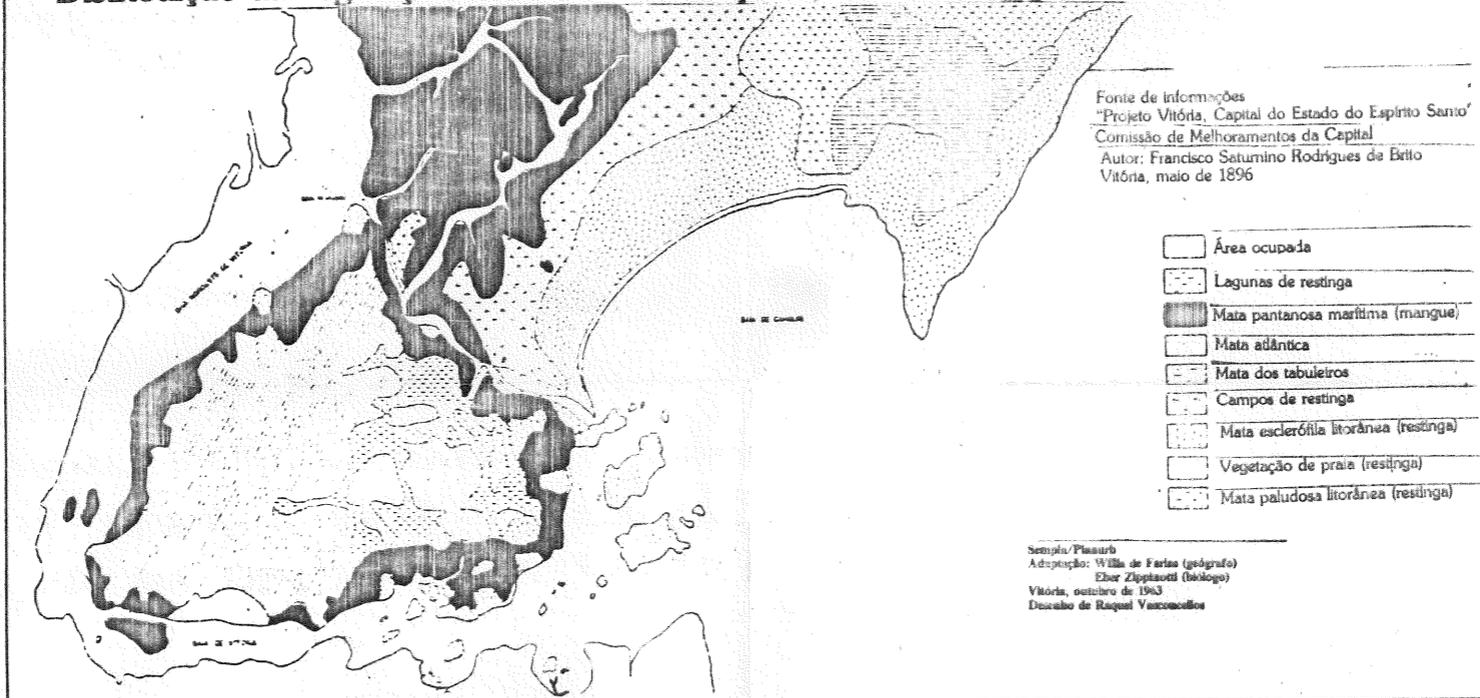
dos pontos precisos da maior concentração nessa área, onde, garante, estão deixando a desejar. Já a secretária do Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória, Heloísa Dias, quer que o Governo Estadual cumpra o prometido, reforçando a fiscalização em São Pedro, onde está localizada a Ilha do Lameirão. Só um pequeno canal separa a ilha, estação ecológica, do Bairro Resistência, e o temor dos técnicos é que a próxima invasão seja justamente da ilha. O invasor vê o mangue como opção de moradia, mas os estudiosos do mar e também os pescadores conhecem sua importante função na cadeia alimentar que se completa com a captura, pelo homem, de peixes, crustáceos e moluscos nas águas do estuário. O grande problema é que com os aterros dos mangues, todos esses alimentos, muito ricos em proteína, estão se tornando cada vez mais reduzidos.

A necessidade de preservar os manguezais, diante da escassez de moradia que reina no Estado, representa um grande conflito. O Espírito Santo já possuiu 850 quilômetros quadrados de áreas de mangue, que hoje, segundo estimativas do geógrafo da Prefeitura de Vitória Willis de Faria, estão reduzidos a menos de 100. A capital, Vitória, reúne quase 10 quilômetros quadrados, grande parte — aproximadamente nove — na ilha do Lameirão. A PMV garante que mantém seis pessoas numa fiscalização permanente do manguezal, mas há quem diga que os fiscais não atuam.

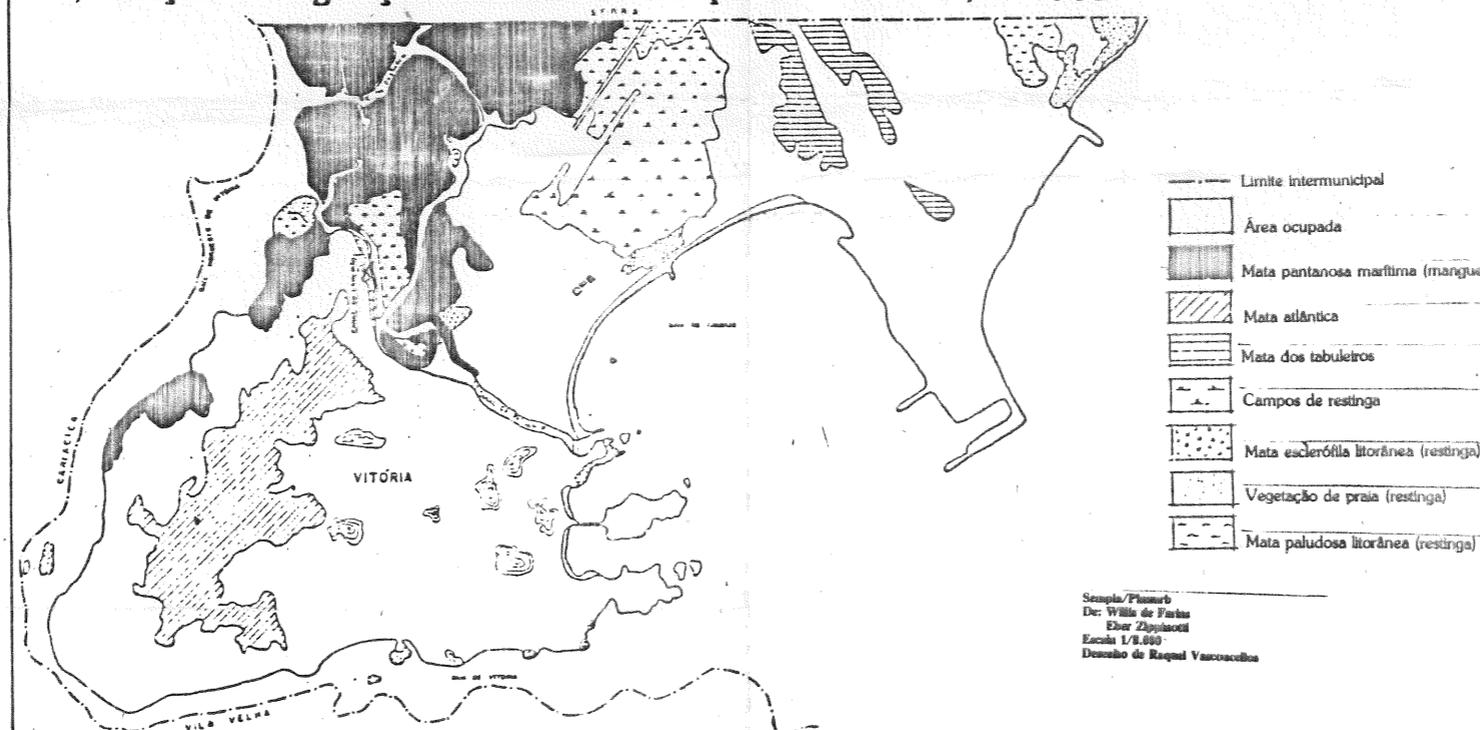
Iracema Soares Ferreira e seu marido "Pernambuco" moram numa ilha, hoje cercada de barracos sobre a lama contaminada do mangue de São Pedro, e garantem que o corte de árvores e a construção de barracos continuam acontecendo. "Pernambuco", um vigilante da Ufes que chegou no local há quase dez anos, afirma que saem da região do Lameirão, com muita frequência, canoas carregadas de madeira. As árvores do mangue são utilizadas para a construção de palafitas e também viram lenha para fornos de padarias. Além disso, a *Rhizophora mangle*, espécie chamada de mangue vermelho, é muito usada para tintura de redes de pesca e couro, e nas panelas de barro.

Além de Iracema e Pernambuco, outro a denunciar a falta de fiscalização do manguezal localizado em Vitória, Cariacica e Serra é o estivador aposentado Antônio Joaquim da Silva, 68, "Lilico". Ele chegou à ilha das Caieiras aos 13 anos de idade e lembra que, durante anos, o mangue ficou praticamente intocável. "Não havia comércio ativo de ostra, sururu e caranguejo, que o pessoal pegava mais para a Semana

Distribuição da vegetação natural do município de Vitória — ES 1896



Distribuição da vegetação natural do município de Vitória — ES 1985



De 1896 para cá, o município de Vitória perdeu grande parte de seus manguezais, vítimas da ocupação por invasores e da predação

Salles de Sá dão parecer contrário. Maria Glória, ex-secretária do Meio Ambiente do município, diz que se arrepende de ter apoiado a primeira etapa, deixando-se convencer de que o local — um enorme depósito de lixo e metal — daria melhores condições de vida à população, a partir da obra que garantiria também o fim das invasões. Ledo engano. Bastou o ex-prefeito Hermes Laranja anunciar e iniciar a urbanização — hoje repleta de problemas e sob ataque — para que centenas de pessoas invadissem ainda mais a região de mangue.

O geógrafo Willis de Faria, da PMV, está certo de que dentro de dois anos São Pedro estará ocupado por famílias de melhor nível de renda. Os mais carentes, certamente, terão que ir para outros manguezais. Na Seama a certeza é que obras de aterro só estimulam a especulação e a ocupação de mangues é a mesma. O técnico Sebastião Salles de Sá só admite urbanizar o mangue com um projeto que utilize palafitas, beneficiadas, é claro, com um sistema de esgotamento sanitário adequado.

O próprio secretário do Planejamento do Governo, Albuíno Azeredo, lembra outro problema: obras de urbanização em mangue têm custo muito elevado. Fica mais barato transferir as famílias para outro terreno. Mas o secretário sabe que, independente da especulação, o maior incentivador das invasões de manguezais é mesmo a carência de moradia. O Governo Mauro construiu, até agora, apenas mil das 30 mil unidades habitacionais necessárias no Espírito Santo. Para 1990, segundo Azeredo, está prevista uma dotação orçamentária para construção de mais quatro mil, usando-se todos os recursos da Companhia Vale do Rio Doce.

Na semana que vem devem ser iniciadas obras de 500 unidades, 330 das quais na ilha do Jucu, e há na CEP um projeto em fase de aprovação, envolvendo quatro mil unidades. Almir Bressan diz que o manguezal é um exemplo de conflito com o meio ambiente, enquanto Maria da Glória Abaurre admite que há fome e a educação ambiental de uma população que tem fome e não tem teto.

Em outubro a Seama estará de posse de um estudo, feito por satélite, que lhe permitirá saber qual a área de manguezal existente hoje na cidade. Bressan quer montar uma ação integrada através de convênios com as prefeituras. Heloísa Dias, da PMV, por sua vez, diz que a Seama prometeu à Prefeitura auxílio sistematizado na fiscalização do mangue e isso não está acontecendo.

A secretária quer também que a Seama tenha em relação a outros manguezais na divisa com Vitória. Um passeio de barco feito na região, na última quinta-feira, mostrou que na localidade de Porto das Pedras, em Itanhenga, município de Cariacica, um grande aterro avançou sobre o mangue, já cercado pelo fazendeiro que segundo um homem da região teria o nome de Silveira.

jo, que o pessoal pegava mais para a Semana Santa", diz ele, que viveu como pescador durante anos e hoje é dono de um bar e restaurante na mesma ilha das Caieiras. Lilico garante que o mangue está abandonado, e culpa as autoridades públicas pelo abandono. "Até para Brasília já mandei abaixo-assinado", diz ele, referindo-se a denúncias contra a prática de pesca com balão.

O uso de rede tem como alvo principal a pesca de camarões. Como o mangue é um criadouro — é assim que os pescadores o chamam —, local de desova de peixes, milhares de peixinhos são capturados e desprezados. Lilico também denuncia outro fato: a captura de siris na época de desova. "Eles levam daqui caixotes cheios de siris ovados. Isso é um crime". Arcimí Santos, biólogo e veterinário do Ibama, admite que uma portaria proíbe a utilização de rede na pesca praticada em todo o canal de Vitória, desde 1935. Pode-se pescar apenas com anzol e a multa aplicada sobre pesca predatória varia de 26 a 540 Bônus do Tesouro Nacional (ETN).

O grande problema é que o Ibama, atualmente, dispõe de apenas cinco pessoas para fiscalização de pesca. E com esse número ínfimo, tem de fiscalizar mais de 500 quilômetros de costa no Estado. Santos, mesmo diante dessa realidade nada animadora, promete que a fiscalização irá até a região do manguezal para agir contra a pesca com balão.

Fiscalização

Mas não é só no Ibama que existem proble-

mas relativos à fiscalização. O órgão federal, aliás, mantém um convênio com a Seama justamente neste setor. Mas a Seama, admite o secretário Almir Bressan, dispõe de apenas 14 técnicos, que não cuidam somente de manguezal. Bressan insiste na tese de que as prefeituras precisam ajudar, porque sem elas o trabalho de preservação da natureza se torna impossível. "A Seama trabalha com base em denúncias, não tendo condições de fazer fiscalização preventiva", diz ele. Sobre as prefeituras, em relação ao manguezal, Bressan não nega que ainda há aquelas que o utilizam como instrumento político.

A Seama está trabalhando, em conjunto com prefeituras, nos manguezais da Barra do Jucu, em Vila Velha, São Mateus, Guarapari e Conceição da Barra. Em Piúma, pelo menos até o início desta semana, enfrentava um problema num mangue onde um muro foi edificado. Há quem diga que a administração municipal dificultou a ação do Estado no sentido de retirar o muro.

Especulação

Preocupado com os manguezais está o procurador da República no Estado, Onofre de Faria Martins, outro a admitir que a fiscalização é "incipiente", mas lembrando que se torna difícil reverter, com rapidez, uma situação que existe há séculos: a freqüente devastação do meio ambiente. Na sua opinião, nos mangues os invasores com real necessidade de moradia são mi-

norios. "A maioria é mesmo constituída de especuladores", garante, explicando que não existem ações novas, envolvendo o manguezal, tramitando na Justiça capixaba. Para o procurador, o grande problema do meio ambiente no Brasil passa pela educação e pela conscientização da população.

Tânia Mara Simões do Carmo, bióloga e professora da Ufes, também concorda. Mas ela explica que, além da "ação forte" sobre os especuladores, o Estado, através da Seama, precisa se fortalecer com mais pessoal. A professora que de 1983 a 1987 participou de um grupo de pesquisadores no estudo do mangue da baía de Vitória, diz que o Batalhão Florestal, com pouco mais de 30 homens, precisa formar um contingente para agir na floresta de mangue e que o SPU e a Capitania dos Portos têm de agir mais.

O secretário Almir Bressan admite que a Capitania e o SPU "poderiam dar maior contribuição". Na realidade, no que diz respeito à Capitania dos Portos, Bressan lembra que ela se atém mais à segurança da navegação. Quanto ao SPU, ele explica: "O dono é quem tem de cuidar de sua propriedade. E o manguezal é patrimônio da União, cabendo a ela, através do SPU, sua fiscalização".

O delegado do SPU, Ruy Grave, explica que o mangue não é caracterizado como terreno, para fins de legalização. Só o ministro da Fazenda, mediante apresentação de projeto aprovado pela Capitania dos Portos, Prefeitura e Ibama,

pode autorizar sua ocupação, mesmo assim a cessão só pode ser feita a órgãos públicos. Grave diz que a União deveria forçar prefeituras e Governos estaduais a executarem projetos de esgoto para não-poluição dos mangues, e que a fossa séptica é o mínimo que se pode exigir. Quanto à fiscalização, admite que o SPU não tem condições de executar o trabalho de forma sistemática e preventiva.

No Estado, o órgão dispõe de 26 funcionários, no serviço interno. Quando necessário, desloca engenheiros, para fiscalização, mediante denúncia da Capitania. A multa aplicada por aterro ou edificação em praia (envolvendo também manguezal) é de 30,85 BTN por cada metro quadrado de área construída ou aterrada. Grave estima em mais de 100 o número de processos envolvendo invasões de mangue no Estado, relativos a questões antigas na maioria dos casos.

A Capitania dos Portos, segundo o capitão Jarbas Mota Siqueira, faz o que pode dentro de suas possibilidades. Como os demais órgãos, também encontra dificuldades relativas a pessoas e condições materiais para deslocamento da fiscalização. "Agimos com base em denúncias. Agora mesmo estamos agindo num aterro que está sendo feito em Nova Almeida. De forma sistemática e preventiva não conseguimos atuar", explica o capitão. Para ele, é preciso que haja integração entre os órgãos, algo que, na sua opinião, deverá acontecer a partir da atuação do Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema), já criado pelo Governo.

do um homem da região tem o nome de

Expansão urbana aliada ao lixo

A expansão urbana de Vitória também aconteceu em detrimento da preservação do manguezal. Bairros como Ilha de Monte Belo, Bento Ferreira, Ilha de Santa Maria, Santo Antônio, o próprio centro da cidade e principalmente São Pedro surgiram a partir da ocupação e do aterro do mangue. Na capital, as ocupações têm ligação estrita também com o despejo irregular de lixo sobre o manguezal. Primeiro o lixo, depois a invasão, o desmatamento, e junto com o lixo o aterro. E está criado o bairro.

Foi assim em Maria Ortiz e ainda é assim em São Pedro. Enquanto não inaugura sua usina de lixo — a data prevista é o dia 30 de outubro — a mesma Prefeitura que mantém uma fiscalização sobre o mangue o agride, despejando toneladas de lixo, diariamente, sobre ele. O chorume do lixo é um dos maiores agentes de contaminação do manguezal, diz a bióloga da Prefeitura, Ivani Zechinelli.

Impacto

Tanto ela quanto o geógrafo Willis de Faria garantem que o aterro de mangues na região do Grande Vitória gera impacto direto na costa do Espírito Santo, principalmente entre o rio Doce e Guarapari. Em linhas gerais, isso significa dizer que, se acabarem os mangues, quebra-se a cadeia alimentar e peixes, moluscos e crustáceos desaparecem.

Zechinelli e Faria garantem que o mangue é o mais ameaçado no que diz respeito ao ecossistema. É chamado de berçário do mar porque o local é de calmaria, sem ondas, e é ali que espécies de toda a costa procriam. Por isso os pescadores o chamam de criadouro: A vegetação é o início da cadeia alimentar porque a decomposição dessa vegetação, aliada a restos de animais, também se transforma em alimento. Não há predadores no mangue, a não ser o homem, quando o invade.

Essa invasão tem efeitos irreversíveis quando gera desmatamento e aterros. Onde há manguezais, diz a professora da Ufes Tânia Mara Simões do Carmo, o mar é mais piscoso. Ela lembra que Anchieta e Conceição da Barra são bons exemplos, assim como Guarapari já o foi.

Três maneiras de ver o problema



Edna: sugerindo que se aterrem as áreas

Edna do Nascimento, 23, dona de casa — "Vim aqui para São Pedro há dois anos, quando me casei. Acho que a moradia para o pobre é mais importante do que o caranguejo. Eu não como esses sururus que estão contaminados. Só como peixe. Ouvi dizer que a Prefeitura vai tirar a gente daqui mas eu não quero sair. Acho que podiam aterrar tudo e dar casa para os pobres. Mas dizem que se aterrar tudinho o mar se vinga. Mangue não é lugar de gente, não, mas estou aqui porque preciso".

Carlos Pereira Martins, 28, policial militar — "Há cinco anos o pessoal aqui da Ilha das Caieiras vivia da venda de peixes. Eu pescava muito camarão e robalo no canal que divide a Ilha do Lameirão da invasão. Hoje não dá mais nada ali. O cação que vem ara a desova é capturado com balão. Mal os peixinhos nascem o pessoal come. Muita gente só está vivendo da venda do siri desfiado. Quatro dúzias dão um quilo, vendido a NCz\$ 15,00". Estão destruindo o mangue".

Isac Gonçalves de Lima, 31, açougueiro desempregado — "O programa habitacional do Governo é deficiente. Por isso eu estou aqui, morando no mangue. Mas eu não pesco, não como nada que o mangue oferece. Nem caranguejo. Acho predatório. Crio porcos, mas longe da lama, e gosto do contato com a natureza. Cheguei ao Bairro Resistência em 1985 e acho que não se deve aterrar o mangue. Eu mesmo não joguei um aterro. Vou deixar assim como está".